



SEÇÃO: DOSSIÊ

Entre o urbano e o rural: fotografias de paisagens das cidades do Vale dos Sinos na Primeira República

Between the urban and the rural: photos of landscapes of the cities of Vale dos Sinos in the First Republic

Alex Juarez Müller¹

orcid.org/0000-0003-3321-1691
muller.historia@gmail.com

Recebido em: 30/4/2020.

Aprovado em: 4/6/2020.

Publicado em: 21/12/2020.

Resumo: A pesquisa trata do processo de urbanização das cidades de São Leopoldo, Taquara e Novo Hamburgo (RS), durante a Primeira República (1889-1930). A delimitação temporal foi escolhida por representar o período em que projetos urbanos pautados pela modernidade europeia se difundiram pelo País. O estudo tem o objetivo de compreender, através das fotografias de paisagens urbanas, o enquadramento da vida urbana local aos padrões de modernidade da época. A escolha das fotografias orientou-se, em um primeiro momento, pela identificação das imagens de paisagens urbanas nos acervos públicos locais; em uma segunda etapa, foram selecionados os lugares mais registrados pelos fotógrafos; e, por último, observou-se as fotografias repetidas em mais de um acervo, indicando reprodução e circulação. O estudo é uma análise comparativa das fotografias de paisagens urbanas das três cidades identificando semelhanças e diferenças entre elas.

Palavras-chave: Primeira República. Fotografia. Paisagens urbanas.

Abstract: The research deals with the urbanization process of the cities of São Leopoldo, Taquara and Novo Hamburgo (RS), during the First Republic (1889-1930). The temporal delimitation was chosen because it reproduces the period in urban projects foreseen by European modernity, if disseminated throughout the country. The study aims to understand, through photographs of urban landscapes, or the framing of local urban life up to the standards of modernity of the time. The choice of photographs oriented at the first moment in the identification of images of urban landscapes in public places; in a second stage, the places most registered by the photographers were selected; and, finally, use as repeated photographs in more than one reproduction and circulation record. The study is a comparative analysis of photographs of urban landscapes in the three cities, identifying similarities and differences between them.

Keywords: First Republic. Photography. Cityscapes.

Introdução

Fotografia, cidade e modernidade interligam-se nos estudos sobre os processos históricos de urbanização no período da Primeira República. Esses conceitos articulam-se na construção deste trabalho que estuda o processo de urbanização das cidades de São Leopoldo, Taquara e Novo Hamburgo, situadas no Vale dos Sinos (RS), durante a Primeira República (1889-1930). O estudo busca compreender, através das fotografias de paisagens urbanas, as representações visuais construídas no contexto do enquadramento da vida urbana local aos padrões de modernidade da época.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo, RS, Brasil.

O Vale dos Sinos possui esse nome devido ao Rio dos Sinos. Atualmente, a região compreende a área metropolitana de Porto Alegre e conta com 32 municípios em um espaço de 3.800km² (COMITESINOS, 2017). No início da República, a região contava com três municípios: São Leopoldo, Taquara e Santa Christina do Pinhal.

São Leopoldo foi o primeiro município (1846), seguido de Santa Christina do Pinhal (emancipado em 1880, extinto em 1892 e anexado a Taquara), Taquara (1886) e Novo Hamburgo (1927). São Leopoldo, Taquara e Novo Hamburgo compreendem juntos os principais centros urbanos da região na Primeira República e, portanto, são as áreas urbanas com maior número de registros fotográficos.

No século XIX e nas primeiras décadas do século XX, a região foi uma das principais zonas agropecuárias do Estado e a principal abastecedora de Porto Alegre. No início do século XIX se destacaram os luso-brasileiros através dos açorianos, principalmente na parte superior do Vale dos Sinos, em Santa Christina do Pinhal (MAGALHÃES, 2008). Ainda, por todo o Vale dos Sinos, viviam afro-brasileiros na condição de cativos e/ou agregados dos proprietários de terras. (FREITAS, 2019; MAGALHÃES, 2008; MOREIRA; MUGGE, 2014).

Em 1824 chegaram em São Leopoldo os imigrantes alemães. Alguns dos objetivos da imigração era produzir alimentos e difundir o trabalho livre no lugar da mão de obra escrava, sendo esse um projeto piloto de ocupação do espaço territorial do Rio Grande do Sul (DREHER, 2014). No decorrer do século XIX se estruturou uma rede produtiva entre a zona rural e a cidade. Na área urbana instalou-se um próspero comércio que se dava pelas estradas, pelo Rio dos Sinos e, depois, pela primeira ferrovia do Estado que ligava Porto Alegre a São Leopoldo (1874), em seguida prolongada até Novo Hamburgo (1876), Taquara (1903) e Canela (1924).

No Vale dos Sinos não foram produzidos álbuns fotográficos de vistas urbanas, como nas capitais.

As imagens fotográficas da região estão dispostas avulsas nos acervos² em quantidade considerável, porém, na maioria das vezes, sem catalogação e sem as informações (época, lugar, fotógrafo).

A escolha das fotografias orientou-se por algumas diretrizes metodológicas: primeiro identificou-se as fotografias de paisagens urbanas das cidades estudadas nos acervos públicos locais. Em um segundo momento, elegemos imagens dos lugares que foram mais registrados pelos fotógrafos. Foram observadas, também, as fotografias que se repetem em mais de um acervo indicando sua reproduzibilidade e circulação.

A verificação do profissional foi possível em apenas 12³ fotografias do final do século XIX. Somente dois estúdios foram identificados, ambos de São Leopoldo: *A. Stoeckel Photographia* e *Estabelecimento Artístico-Graphico de Fr. G. Huhnfeish*. No decorrer das décadas de 1910 a 1930 não encontramos mais os documentos com o carimbo, o que pode indicar um aumento de fotógrafos amadores tanto pela popularização da fotografia como pelo barateamento do equipamento fotográfico.

A ausência de indícios nas fotografias analisadas que identifiquem fotógrafos em Novo Hamburgo e Taquara não significa que não existiram tais profissionais nessas cidades. Em Novo Hamburgo achavam-se os estúdios *Photographia Mancho Brigel* e *Pedro Muck*. Em Taquara os estúdios *Photografia Preuss* e *Photografia Lang*. Os estúdios citados já funcionavam nas primeiras décadas do século XX, porém não encontramos fotografias de paisagens urbanas atribuídas a eles.

Os espaços mais registrados nas três cidades pelas lentes foram: praças, ruas centrais e a estação de trem. Os prédios públicos e particulares também foram foco dos registros fotográficos e, geralmente, as paisagens registradas tinham por objetivo apresentar os edifícios como, por exemplo, a intendência, o banco, a estação férrea etc. A repetição dos lugares fotografados ao longo de meio século se assemelha ao que ocorreu

² Os acervos consultados foram: Arquivo Benno Mentz - ABM/DELFOF/PUCRS (Porto Alegre, RS), Fundação Ernesto Frederico Scheffell - FEFS (Novo Hamburgo, RS), Museu Histórico Municipal Adelmo Trott - MHMAT (Taquara, RS) e Museu Histórico Visconde de São Leopoldo - MHVSL (São Leopoldo, RS).

³ Das 12 fotografias, oito são registros visuais da estação férrea de Novo Hamburgo e da ponte férrea no Rio dos Sinos; as outras quatro são vistas de São Leopoldo e de Taquara (duas para cada cidade).

em Porto Alegre, que de acordo com Zita Possamai (2005) se buscou construir uma narrativa de cidade a partir dos álbuns fotográficos. Essa narrativa excluía elementos não favoráveis à ideia de modernidade, construindo a ilusão da superação da herança colonial.

A partir do volume fotográfico encontrado nos acervos,⁴ da repetição dos lugares fotografados ao longo de décadas, e da presença da mesma fotografia em mais de um lugar, dividimos a análise das paisagens em três aspectos temáticos: primeiro, as paisagens urbanas do final do século XIX e princípio do século XX, momento em que a fotografia se confunde com o pictórico; segundo, a estação ferroviária e seu entorno, representando a modernidade dos transportes e sala de visitas de pessoas ilustres; terceiro, praças e ruas que concentravam o comércio, os lugares de sociabilidades (cinemas, cafés etc.), os bancos, e os edifícios públicos.

As paisagens fotográficas analisadas retratam cidades representadas como modernas, entretanto os elementos contidos nas imagens, tanto os visíveis quanto os invisíveis (POSSAMAI, 2005), denunciam espaços entre o urbano e o rural. Havia a intenção de representar as urbes em consonância com a modernidade das capitais, entretanto as fotografias apresentam a natureza e o rural se confundindo com a cidade, conforme veremos a seguir.

Do sertão ao urbano: as intenções da modernização e o uso da fotografia

No ano de 2010 o Vale dos Sinos era a região com a maior taxa de urbanização no Estado do Rio Grande do Sul, 97,90% (ATLAS SOCIOECONÔMICO RIO GRANDE DO SUL, 2019). Esse dado representa tanto a proximidade da região com Porto Alegre como o resultado da produção agrícola e do comércio a partir da segunda metade do século XIX, derivando no crescimento urbano local (WEIMER, 2004).

Não foi na Primeira República que o Brasil deixou de ser majoritariamente rural para ser urbano, mas foi nessa época que as cidades

brasileiras começaram a ganhar contornos de modernização, uma separação visível entre rural e urbano. Gilmar Arruda (2000, p. 166) lembra que no alvorecer da República se instalou o ideário da modernidade, um grande esforço em "atualizar" o Brasil ao ritmo dos Estados Unidos e da Europa. O autor diz que o sertão era visto como bárbaro, atrasado, rudimentar, ignorante, como se nada existisse ou ninguém morasse nele.

Arruda (2000) chama de sertão o lugar onde ainda predominavam práticas rudimentares de agricultura e de saberes populares. Ele comenta que a natureza também está dentro desse conceito, já que o pensamento da época é que ela deveria ser domesticada e dar lugar a paisagens produtivas. De acordo com Paulo Zarth (2002), nesse espaço viviam os caboclos, descendentes de negros, índios e portugueses, também classificados como símbolos da ignorância e do atraso que deveriam ser superados.

José de Souza Martins (1996) explica que a mudança no modelo de ocupação da terra se deu de duas formas: a primeira com a frente de expansão, onde a população era posseira ou ocupante, as relações de trabalho eram geralmente servis e havia uma diversidade de personagens e atividades econômicas baseados nos vínculos sociais (casamentos, apadrinhamentos etc.); e a segunda com a frente pioneira, momento da modernização, da colonização das terras, da racionalização econômica e predominância do uso do dinheiro.

As fotografias das cidades do Vale dos Sinos registraram a transição de uma frente para a outra. Elas indiciam ausências que nos deram pistas, já que "nas imagens da urbanização, a natureza é decorativa, já nas imagens da produção, a natureza só tem importância quando inserida no processo produtivo" (ARRUDA, 2000, p. 81).

Possamai (2005) evidencia que a modernização de Porto Alegre passava por superar a cidade colonial de ruas tortas e becos, assim as imagens fotográficas, especialmente as de vistas urbanas, se encaixavam no processo de representar a nova

⁴ A quantidade de fotografias de paisagens urbanas nos acervos foi a seguinte: segunda metade do século XIX – São Leopoldo 10, Taquara 02, Novo Hamburgo 9; década 1900-1910 – São Leopoldo 04, Taquara 03, Novo Hamburgo 12; década 1910-1920 – São Leopoldo 21, Taquara 11, Novo Hamburgo 5; década 1920-1930 – São Leopoldo 77, Taquara 34, Novo Hamburgo 14; década de 1930-1940 – São Leopoldo 126, Taquara 06 e Novo Hamburgo 9.

cidade. Charles Monteiro (2007) afirma que o processo de modernização de Porto Alegre estava vinculado com ao saneamento moral, isto é, a extinção dos becos e das habitações precárias da área central. Ele afirma que essas mudanças eram apoiadas tanto pelos políticos do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) quanto pela elite burguesa industrial e comercial.

A modernização de Porto Alegre na Primeira República se vincula com intendentess que carregam consigo poderes irrestritos para implementar mudanças urbanas, é o caso de José Montauray, que exerceu o cargo por 27 anos (MONTEIRO, 2007). No Vale dos Sinos não foi diferente, o Coronel Diniz Martins Rangel foi intendente de Taquara por 20 anos; já o Coronel João Corrêa Ferreira da Silva foi intendente em São Leopoldo, liderou a construção da ferrovia de Novo Hamburgo a Taquara e depois até Canela, além disso teve um filho intendente de Taquara.

A fotografia foi aliada na modernização urbana, porque de acordo com Possamai (2005) ela era vista como reflexo do real. A autora afirma que fotógrafos foram contratados para registrar as mudanças urbanas nas capitais do exterior e do Brasil, e também havia profissionais que produziam vistas urbanas por conta própria para vender em seus estúdios ao público em geral.⁵

Bóris Kossoy (2002, p. 20) afirma que a fotografia é um poderoso instrumento de veiculação de ideias e de manipulação da opinião pública, causa advinda da credibilidade que a imagem tem junto da massa. Ana Mauad (1996, p. 8) lembra que primeiro a fotografia deve ser observada como uma marca da materialidade do passado que apresenta uma série de aspectos; e segundo, como um símbolo que a sociedade escolheu para sobreviver ao tempo e que, desse modo, ela informa, mas também conforma uma determinada visão de mundo.

A fotografia não é neutra, ela está carregada de ambiguidades, significados não explícitos e omissões pensadas. Portanto, a imagem fotográfica deve ser analisada a partir dos componentes que a tornam possível de existir, que são os *elementos*

constitutivos: assunto (objeto de registro), tecnologia (que produz o registro) e o fotógrafo (motivações pessoais/profissionais) (KOSSOY, 2002).

Kossoy (2002) explica que existem duas realidades na fotografia: a primeira realidade é o próprio passado (ato do registro); a segunda realidade é o assunto representado, o novo real. Ele também lembra que há o receptor, sujeito que analisa a imagem conforme o seu imaginário (conhecimento pessoal).

Pressupomos que as fotografias de paisagens urbanas do Vale dos Sinos, na Primeira República, tinham como um dos objetivos criar uma visualidade de modernidade para os olhares externos, dado que algumas imagens se repetem nos acervos. E como nas capitais, a ênfase no Vale do Sinos foi em registrar as novidades da cidade, tudo que vinculava o local ao que havia de mais moderno na época: espaços públicos de lazer, estação férrea, intendência, bancos, cinemas, cafés e outros.

As primeiras imagens e os principais espaços registrados

As primeiras fotografias de paisagem do Vale dos Sinos seguem um padrão muito semelhante das imagens do *Album de Vues du Brésil*, um projeto elaborado no Império e lançado na República, em janeiro de 1890. De acordo com Kossoy (2002), o álbum, coordenado de perto pelo Barão de Rio Branco, pretendia representar a construção do nacional a partir do dueto civilização-natureza. A obra apresenta uma série de imagens, em sua maioria fotografias de paisagens urbanas e naturais que mostram o material e omitem o social.

Kossoy (2002) afirma que o objetivo do álbum era representar um país que se civilizava e vencia, domesticava, a natureza exuberante. O historiador lembra que as fotografias do álbum mostram horizontes a perder de vista, elaborando a ideia de um país de dimensão continental, modelo fotográfico também utilizado nas primeiras imagens do Vale dos Sinos.

As primeiras fotografias de paisagens das cidades do Vale dos Sinos também carregam consigo influências da arte, estilo muito próprio dos primei-

⁵ São alguns exemplos de fotógrafos que registraram as modificações nas cidades: Charles Marville – Paris; Max Missmann – Berlim; Marc Ferrez – Rio de Janeiro; Militão Augusto de Azevedo – São Paulo; Luiz Terragno, Irmãos Ferrari e Virgílio Calegari – Porto Alegre (POSSAMAI, 2005).

ros fotógrafos. Annateresa Fabris (2005) afirma que os primeiros profissionais estavam influenciados pela tradição pictórica de tal modo que as temáticas visuais eram os mesmos objetos da pintura: retratos, paisagens e natureza morta. Fabris explica que essa escolha visual também decorria das limitações técnicas que impediam os profissionais de retratarem cenas com movimentação.

Fabris (2005) indica que as influências pictóricas na fotografia do século XIX e princípio do século XX também estavam relacionadas a não aceitação da imagem fotográfica como arte. Ela afirma que os profissionais buscavam se aproximar da pintura como forma de serem reconhecidos, portanto, era comum o uso de truques variados para evitar itens na imagem que não se aproximassem do pictórico.

As primeiras imagens analisadas (Figuras 1 e 2) são de São Leopoldo junto ao Passo Geral do Rio dos Sinos. O Passo foi oficialmente demarcado em 1830 aos cuidados do Inspetor José Thomaz de Lima com

o nome de Praça da Igreja, também foi chamado de Olaria, devido à fábrica de telhas e tijolos que havia nas proximidades (PETRY, 1944). Na década de 1930 foi oficialmente nomeado de Praça Centenário e, em 1974 como Praça do Imigrante, nas festividades do sesquicentenário da imigração alemã.

O Passo era a passagem da estrada que vinha de Porto Alegre rumo às picadas,⁶ se conectava com a estrada para a Freguesia de Santa Ana e para *Hamburger Berg*⁷ e o Mundo Novo.⁸ Além disso, era um dos poucos lugares nas imediações da colônia que oferecia comércio no século XIX (PETRY, 1923).

A primeira imagem (Figura 1) retrata o Passo a partir da Ponte 25 de Julho, enquanto a segunda imagem (Figura 2) registra o mesmo lugar a partir da margem direita do Rio dos Sinos, também denominado de *Neustadt* (Cidade Nova). Em ambas imagens notamos um núcleo urbano que ainda segue o tempo da natureza, à espera das chuvas para poder usar as embarcações ou dos tropeiros que traziam as novidades.

Figura 1 – Vista do Passo Geral do Rio dos Sinos



Fonte: ABM/DELFOF/PUCRS (Final do século XIX). Fotógrafo: A. Stockel Photographia.

⁶ "A picada é a forma básica de penetração na floresta subtropical, na qual se busca abrir, com os instrumentos disponíveis, vias ao longo das quais vão sendo instalados imigrantes, em lotes que lhes são designados" (DREHER, 2014, p. 138).

⁷ O nome *Hamburger Berg*, segundo esclarece Petry (1923, 1944), significa Morro do Hamburguês, cujo nome originou-se dos primeiros comerciantes locais que eram de Hamburgo, na atual Alemanha. Por essa aglomeração estar localizada em um morro, as pessoas passaram a denominar dessa forma o lugar, levando em conta a junção da geografia física local e o aspecto cultural.

⁸ Nome dado por Tristão José Monteiro ao projeto privado de colonização de terras (1846) no atual município de Taquara.

Figura 2 – Vista do Passo Geral do Rio dos Sinos.

Fonte: ABM/DELFOF/PUCRS (Final do século XIX). Fotógrafo: A. Stockel Photographia.

As duas fotografias são de autoria do estúdio *A. Stockel Photographia*, de São Leopoldo. Em ambas imagens observamos a influência pictórica: paisagens amplas, profundidade, composição da cidade com a natureza. O assunto das imagens é a cidade de São Leopoldo, porém na segunda fotografia notamos em primeiro plano as lavadeiras e sua relação com o rio.

As duas fotografias fizeram uso de técnicas de revelação distintas, uma vez que a tonalidade das cores é diferente. Há a possibilidade de interferências nas imagens originais sob o ponto de vista artístico, algo comum como vimos anteriormente. As imagens podem ter sido produzidas com mais de um negativo, que combinados na impressão promoviam um melhor efeito visual (HACKING, 2012, p. 96).

As imagens se remetem ao final da segunda metade do século XIX, visto que já existia a Ponte 25 de Julho (inaugurada em 1876). Na Figura 1 o fotógrafo está sobre a ponte, e na Figura 2 ela faz parte da paisagem. As duas fotografias não foram realizadas muito além de 1897, ano do Código de Posturas (1897) que, entre inúmeras medidas, exigia a construção de platibanda em frente as construções.⁹

Na Figura 1 observamos a prática extrativista (madeira disposta na praça), cavaleiros obser-

vando o rio e uma canoa feita a partir de um tronco de árvore. À primeira vista notamos poucos elementos da modernidade, tais como as casas de comércio e as construções assobradadas, entretanto devemos lembrar que o crescimento da cidade é, em parte, resultante da imigração alemã, um dos símbolos da civilidade na época.¹⁰

Na Figura 2 observamos o trabalho das lavadeiras, que são negras, o rio como meio de transporte e a mata ciliar compondo a paisagem. Ao fundo da imagem visualizamos a igreja católica e ao lado o Colégio Jesuíta. A fotografia se aproxima muito de uma pintura com os sujeitos parados como se estivessem posando para o registro do fotógrafo.

A Ponte 25 de Julho se destaca na Figura 2, inclusive como elemento da modernidade, visto que ela pôs fim à necessidade de atravessar o rio em balsas. Ela também marca na paisagem com o seu nome a data da chegada dos primeiros imigrantes alemães em 1824.

A próxima fotografia (Figura 3) ilustra a Rua Júlio de Castilhos, em Taquara. Essa foi a primeira rua da cidade e era conhecida como Rua do Comércio; ela conectava os Campos de Cima da Serra ao porto do Passo do Mundo Novo, no Rio dos Sinos, e a estrada para Santa Christina do Pinhal e São Leopoldo.

⁹ Nas fotografias posteriores as construções já possuem platibanda. Outro ponto limitador é a inexistência da torre da Igreja Luterana – que foi inaugurada em 1911.

¹⁰ No álbum *de Vues du Brésil* a única imagem que pessoas aparecem em primeiro plano é uma fotografia de imigrantes europeus trabalhando nos pés de café no interior da Província de São Paulo. Kossoy (2002) afirma que essa imagem tinha uma clara intenção de fazer propaganda para atrair mão de obra imigrante e, também, representar que o País estava se "civilizando".

Essa fotografia é de autoria do estúdio *A. Stockel Photographia* de São Leopoldo, o mesmo das Figuras 1 e 2. O mesmo profissional em cidades distantes mais de 40 km, em uma época que o principal meio de transporte era a tração animal, mostra o quanto os fotógrafos eram requisitados no final do século XIX, e, inclusive, representa São Leopoldo como centro das novidades da modernidade no Vale dos Sinos.

A técnica empregada se assemelha nas imagens de São Leopoldo, entretanto, não é visível o jogo de sombras como nas Figuras 1 e 2. Essa fotografia se aproxima bastante do *Album de Vues du Brésil*, isto é, representa a civilização vencendo a floresta subtropical. O arcaico do sertão ainda é perceptível, como também a herança colonial, mas, por outro lado, é um espaço resultante de um projeto colonizador privado com maioria de descendentes¹¹ de imigrantes alemães.

A fotografia foi registrada a partir do Morro do Leôncio com uso do recurso de câmera alta como forma de evitar distorções na imagem e ter uma abrangência maior do espaço (POSSAMAI, 2005, p. 215). Foram encontradas duas datas para a imagem: 1883 e 1886. O conflito de datas provavelmente está relacionado com a elevação do lugar à freguesia em 1882, e da emancipação em 1886.

Encontramos outra fotografia do mesmo ponto, só que essa imagem contém algumas construções rurais (galpões e cercas) que não aparecem na Figura 3, um indício de que o fotógrafo fez uma seleção do que ele considerava mais apropriado representar. Essa outra imagem foi encontrada em apenas um arquivo, isto é, ela não se repete como a Figura 3: encontrada em todos os arquivos e, também, reproduzida entre particulares.

Figura 3 – Vista da cidade de Taquara a partir do Morro do Leôncio



Fonte: MHMAT (década de 1880). Fotógrafo: *A. Stockel Photographia*.

Em primeiro plano visualizamos as duas igrejas (católica – seta branca e evangélica – seta vermelha) construídas uma em frente a outra, fato curioso, já que há vários relatos de rivalidades entre ambas religiões.¹² A igreja evangélica

está sem torre, o que evidencia a proibição de expressar externamente o formato de templo, já que a religião oficial do império era o catolicismo (DREHER, 2004, p. 58); já no sentido oposto, a igreja católica estava em construção.

¹¹ Usamos a palavra descendente porque a Colônia Mundo Novo foi ocupada, em sua maioria, por filhos de imigrantes que se instalaram em outras colônias, especialmente, São Leopoldo.

¹² Segundo moradores locais as duas igrejas foram colocadas frontalmente de forma proposital pelo colonizador Tristão Monteiro, já que ele era católico e, sua esposa, luterana.

No horizonte da imagem identificamos a Casa Comercial de Jorge Fleck (seta vermelha), cuja construção existe até hoje. Também observamos características comuns entre as pequenas cidades daquela época, com diversos pontos alagados, árvores na rua, animais soltos e casas modestas. Visualizamos a existência de casas construídas na técnica enxaimel (seta azul), aspecto percebido também em São Leopoldo (Figuras 1 e 2), evidenciando a influência germânica na área urbana.

A Figura 3 também mostra o hábito de construir as casas recuadas da rua para a elaboração de um jardim, diferente dos descendentes de origem lusa que edificavam as construções alinhadas rente ao passeio público (WEIMER, 2005) como nas Figuras 1 e 2. Ainda podemos observar que algumas casas tinham separado nos fundos um pequeno prédio que, provavelmente, era a cozinha, construída dessa forma para evitar incêndios (seta azul).

O trem foi um símbolo de mudanças nessas paisagens, já que ele trouxe a inovação e a rapidez dos transportes, que até o momento se davam pelo rio, ou por estradas, no lombo de mulas ou em carroças. Não é surpresa que a estação ferroviária tenha sido um lugar registrado pelos olhares dos fotógrafos, mesmo que esses espaços não fossem tão modernos como os das grandes capitais, conforme veremos a seguir.

O trem como símbolo da modernidade

A ferrovia chegou a São Leopoldo em 1874 e, posteriormente, foi prolongada até as proximidades de New Hamburg,¹³ em 1876. No ano de 1903 chegou a Taquara e, em 1924, em Canela. O objetivo principal da instalação da estrada de ferro foi agilizar os transportes e levar a modernidade ao interior do Brasil na conquista dos "sertões" (ARRUDA, 2000). Ana Martins (2001, p.42) afirma que a locomotiva era vista como um "agente do imaginário coletivo", era considerada o símbolo de todas as transformações para a época. Ela lembra que as primeiras ferrovias

de São Paulo foram construídas por ingleses, o mesmo ocorreu no Vale dos Sinos com o trecho de Porto Alegre a New Hamburg.

Coincidência ou não, foi a partir da chegada do trem que as cidades no Vale dos Sinos passaram a ser alvo das medidas de normatização do espaço urbano. A partir do final do século XIX até meados da década de 1920, São Leopoldo, Taquara e Novo Hamburgo tornaram-se espaços de remodelação urbana com intuito de adequação aos efeitos da modernidade já implantados nas capitais brasileiras. Logo, as ruas passaram a ganhar arborização, iluminação elétrica, calçadas e as praças ganharam paisagismo ao estilo *belle époque* francesa. As áreas tomadas por esse efeito modernizante concentravam-se nas ruas lindeiras à estação de trem.

As próximas fotografias (Figuras 4 e 5) são vistas parciais em que o fotógrafo se posicionou sobre uma sacada ou janela utilizando do recurso da câmera alta. O registro priorizou um motivo principal (visita de um político ilustre) junto de uma variedade de elementos (o trem, transeuntes, carros, carroças, cavaleiros etc.) (POSSAMAI, 2005, p. 211). Nas duas imagens não há pessoas posando para o registro, simplesmente há a movimentação no entorno de um evento, isso indica para mudanças tecnológicas (câmeras portáteis e que captam movimentos) e de distanciamento dos profissionais da tradição pictórica.

A Figura 4 mostra a visita do então Presidente do Estado Borges de Medeiros a São Leopoldo. O Presidente é um dos indivíduos que caminha em direção à aglomeração, indo embora um dia após a inauguração do Monumento em homenagem ao centenário da imigração alemã. A presença do principal representante do Estado nas comemorações do centenário revela a importância dada à região de imigração pelo governo do Estado na época. Nesse sentido, a fotografia registra, fixa na memória a aliança entre São Leopoldo e o governo do Estado.

¹³ Chamamos de New Hamburg o povoado que surgiu no final da estrada de ferro, distante dois quilômetros de Hamburger Berg. Os primeiros argumentos para a ferrovia não ter ido até Hamburger Berg referem-se à falta de verba para construir a estrada até lá (PETRY, 1944). Entretanto, a estação de New Hamburg, nome dado pelos ingleses, já estava prevista nas plantas da ferrovia antes de sua construção (MOEHLECKE, 2004), o que dá indícios de que a criação do novo povoado era intencional como forma de valorizar as terras e de abrigar o prédio em uma área descampada e propícia ao crescimento urbano.

Figura 4 – Estação férrea - Despedida de Borges de Medeiros

Fonte: MHVSL (21/09/1924). Fotógrafo: desconhecido

Na imagem é visível a importância que o fotógrafo propiciou ao automóvel, já que há ao menos sete deles, uma notória intenção em representar um elemento da modernidade. O automóvel já estava se tornando realidade naquela época. De acordo com Monteiro (2007, p. 248), em 1927, na Exposição Rio-Grandense de Automóveis, foram registrados cerca de 3 mil carros em Porto Alegre, ficando atrás somente da frota de São Paulo. Ele afirma que as alterações urbanas na capital visavam o alargamento de avenidas para facilitar o trânsito do automóvel.

Em um segundo plano observamos uma banda marcial tocando e um círculo de pessoas, majoritariamente homens, à espera de Borges de Medeiros. Provavelmente, os sujeitos que o esperavam eram lideranças locais, desde políticos do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), à elite comercial e industrial. Um possível indício disso se dá pela quantidade de veículos motorizados, atestando a presença de um grupo abastado.

A intenção do fotógrafo não foi propriamente registrar a estação de trem, inclusive ela pouco aparece na imagem, conseguimos vê-la ao fundo, um prédio que ainda está de pé hoje e foi uma

das primeiras do Estado. Ela foi pré-fabricada na Inglaterra e revestida de zinco, pois os ingleses pensavam que os índios iriam atear fogo, como ocorria nos Estados Unidos (MOEHLECKE, 2004, p. 104).

Não há muitos registros da estação nos meios circulantes oficiais da época (revistas, álbuns etc.), podendo estar relacionado à precariedade da área do entorno do edifício e das condições que se apresentava. No relatório de 1909, o intendente Gaelzer expôs a intenção de derrubar o prédio, pois o considerava "pouco lisonjeiro" (MOEHLECKE, 1998, p. 105). Em 1920 o intendente Mansueto Bernardi demonstrou insatisfação com o entorno da estação devido às ruas estreitas que não comportavam o trânsito, então desapropriou a área em frente ao edifício para construção da praça (MOEHLECKE, 1998, p. 56).

A próxima fotografia (Figura 5) mostra um grupo de pessoas aguardando a chegada do trem na Estação Férrea de Taquara no dia da visita do então governador Flores da Cunha, que foi à cidade inaugurar o Hospital de Caridade em 16 de setembro de 1934.¹⁴

¹⁴ Importante destacar que o hospital já funcionava desde 13 fev. 1933.

Figura 5 – Estação Férrea de Taquara – Visita do Governador Flores da Cunha

Fonte: MHMAT (16/09/1934). Fotógrafo: desconhecido.

No primeiro plano identificamos a eletricidade a partir dos fios, na sequência, cavaleiros, algumas mulheres com sombrinhas e alguns homens à esquerda, embaixo de uma árvore se protegendo do sol (pela posição das sombras é provável que fosse próximo do meio-dia). Na sequência, há automóveis, alguns deles são ônibus; carroças puxadas a cavalo, que podem ser táxis; e ao fundo a estação de trem com mais alguns cavaleiros. Atrás da estação podemos ver um vagão de carga estacionado e, à direita, o prédio da Cooperativa dos Ferroviários da VFRGS,¹⁵ ligeiramente mais estruturado que o imóvel da estação.

Como na Figura 5, o objetivo do registro da imagem foi mostrar a movimentação gerada pela vinda do governador, e não a modesta estação com seu telhado de zinco deteriorado pelo tempo. No último plano da imagem se avista a vegetação e os morros, porém de forma decorativa, apesar de também denunciar a proximidade da cidade com o meio rural.

Como ocorreu em São Leopoldo, não há muitas imagens da estação, elas aconteciam, geral-

mente, em momentos solenes, pois o acanhado edifício assemelhava-se mais a um pequeno galpão. A nova estação só foi inaugurada em 1954, e ainda bem aquém do esperado prédio de dois pavimentos que se previa construir, conforme a planta disponível no Museu do Trem em São Leopoldo. A fotografia ainda faz lembrar que o trem entrava em marcha ré na cidade, fato que criou crenças como a de que isso trazia azar ao desenvolvimento da urbe.

A Figura 6 faz parte de um projeto fotográfico que registrou todos os imóveis ferroviários de Porto Alegre a New Hamburg. A data provável indica 1899 ou 1900, pois a última imagem dessa série identifica um grupo de lideranças locais da região simbolizando o início da construção do trecho ferroviário até Taquara – que data do final do século XIX.

É provável que o registro fotográfico tenha sido realizado a pedido da empresa inglesa The Porto Alegre & New Hamburg Brazilian Railway Company Limited, uma vez que há uma sequência de fotografias que registra o mobiliário ferroviário de Porto Alegre até New Hamburg. Os registros foram

¹⁵ Viação Férrea do Rio Grande do Sul.

realizados pelo *Estabelecimento Artístico - Graphico de Fr. G. Huhnfeish* situado em São Leopoldo.

Não encontramos mais informações sobre esse *Estabelecimento Artístico - Graphico de Fr. G. Huhnfeish*, mas provavelmente havia alguma parceria com a empresa inglesa para o registro fotográfico, pois há outras imagens do mobili-

ário ferroviário produzidas pelo estúdio. Maria Inez Turazzi (2006, p. 69) aponta que a imagem fotográfica era uma importante ferramenta no imaginário dos engenheiros da época, ela tanto auxiliava na formação desses profissionais quanto contribuía na concepção da identidade e da memória desse grupo.

Figura 6 – Vista da estação e armazém de estocagem em New Hamburg



Fonte: MHVSL (1899 ou 1900). Fotógrafo: *Estabelecimento Artístico - Graphico de Fr. G. Huhnfeish*.

No primeiro plano da imagem podemos ver um bueiro e um longo descampado que visivelmente teve o solo nivelado. Isso demonstra um espaço que foi disposto para o desenvolvimento urbano. A vegetação foi cortada e benfeitorias foram realizadas, possivelmente à espera dos novos empreendimentos que viriam com a ferrovia.

Na sequência avistamos a estação e as oficinas de manutenção dos vagões que existiam no fim da linha. A fotografia mostra prédios simples em alvenaria e madeira com o seu perímetro cercado, possivelmente para evitar atropelamentos de pessoas e animais. O prédio foi adjetivado como "forno em brasas" no "Jornal 5 de Abril", que também mencionou a necessidade de reformulação da Praça 14 de Julho para representar melhor a

porta de entrada da cidade e ter um lugar para esperar o trem (MARONEZE; SOUZA, 2011).

O trem foi o embrião do município de Novo Hamburgo,¹⁶ pois a sua inauguração representou a transição do centro econômico do distrito de Hamburger Berg para New Hamburg (local da estação). Em 1912 foi inaugurado um sistema de bonde com carro puxado à tração animal até Hamburger Berg, posteriormente adaptou-se um motor de automóvel, porém o transporte deixou de funcionar em 1915 por falta de passageiros (SELBACH, 1999).

Nas três cidades o trem foi esperado, já que ele era o símbolo do progresso, da agilidade e da possibilidade de escoar a produção em maior quantidade e regularidade. Por outro lado, as estações eram acanhadas, lugares simples de embarque

¹⁶ Quando mencionamos Novo Hamburgo é porque estamos falando de *Hamburger Berg* e *New Hamburg* juntos. Também optamos por fazer uso das nomeações *Hamburger Berg* e *New Hamburg* enquanto esses lugares estão na condição de distrito de São Leopoldo.

e desembarque, distantes da modernidade das grandes estações nas capitais. Contudo, o trem foi importante na modernização das cidades, trouxe novidades, aproximou a região de Porto Alegre e concretizou o avanço da frente pioneira.

A concretização do projeto de modernização nas paisagens fotográficas

A concretização do projeto republicano ocorreu entre as décadas de 1920 e 1930, já que essa é uma época de transição política local tanto por falecimentos dos coronéis quanto por alternância de poder. Além disso, é um momento de rupturas: crise no PRR devido a Revolução de 1923, crise mundial (1929 – *Crash* da Bolsa de Nova Iorque) e Revolução de 1930. A década de 1930 também viu a ascensão do fascismo e uma dura campanha de nacionalização sobre as comunidades imigrantes.

As próximas fotografias representam a concretização na mudança dos espaços, principalmente no embelezamento e no fortalecimento da simbologia da imigração alemã, da burocracia

do Estado e dos espaços de sociabilidade ao estilo europeu. São registros fotográficos que se distanciam dos problemas sanitários como, por exemplo, onde e como destinar o esgoto e como fazer para ter água potável. Monteiro (2007) afirma que em Porto Alegre ocorreu algo semelhante, os gastos foram maiores com embelezamento do que com o saneamento básico.

A fotografia a seguir (Figura 7) representa a transformação do Passo (ver Figuras 1 e 2) na Praça Centenário,¹⁷ no provável ano de 1934. Na imagem visualizamos a remodelação final do espaço na composição de símbolos regionais, como a Ponte 25 de Julho e o Monumento do Centenário da Imigração. As igrejas surgem como elemento da fé cristã local. Em primeiro plano, a católica e, em segundo, a luterana. As casas aparecem remodeladas conforme os padrões exigidos pelo Código de Posturas (1897), embelezadas com platibandas, evitando a queda d'água diretamente na rua, com térreo de 4m 20cm, produzindo o efeito de monumentalidade.

Figura 7 –Vista da Igreja católica, Ponte 25 de Julho e Praça Centenário



Fonte: MHVSL (Década de 1930). Fotógrafo: desconhecido.

¹⁷ Importante lembrar que esse espaço recebeu várias nomeações desde sua criação: Passo Geral do Rio dos Sinos, Passo da Igreja, Olaria, Praça Centenário e Praça do Imigrante.

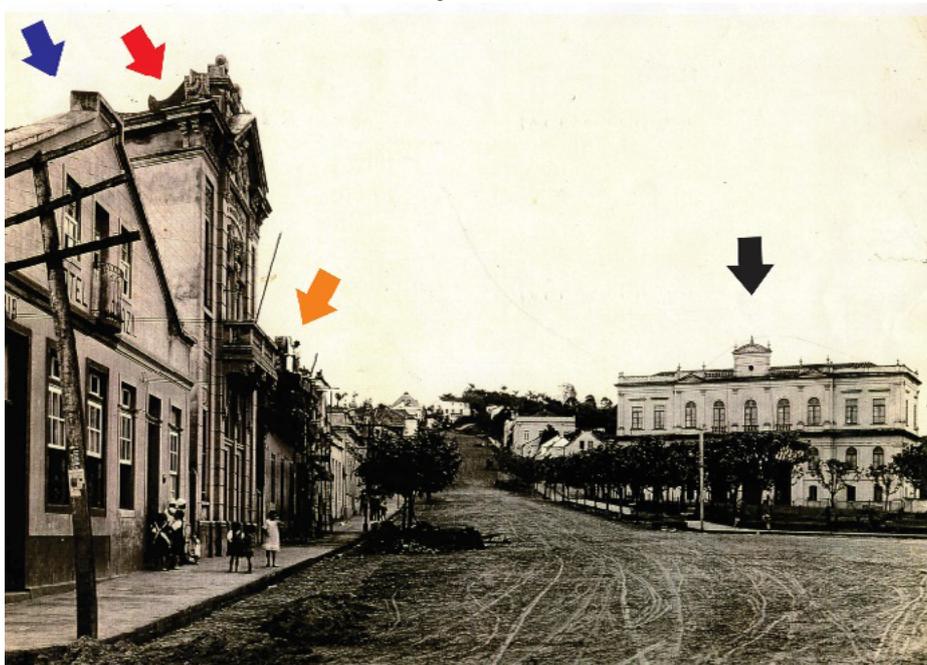
O elemento central da imagem é a praça, um dos elementos da modernidade, mesmo que o fotógrafo tenha omitido as planícies alagadiças do Rio dos Sinos na margem oposta, à direita da Igreja Católica e à esquerda das casas de alvenaria. É importante citar que o registro também foi realizado do alto de algum prédio da margem direita do rio utilizando o recurso de câmera alta como nas Figuras 1, 3, 4 e 5.

A fotografia manifesta a etapa final da domesticação do rio com o fim das obras da praça e do cais que avançaram sobre o curso d'água. Essa imagem representa um pouco da tentativa de superar o mundo arcaico do século XIX e se aproximar da Europa, situação que ficou evidente no

relatório de 1933, em que o prefeito escreveu que a remodelação da praça lembrava linhas "estilo" Luís XIV (MOEHLECKE, 1998). Monteiro (2007, p. 251) explica que, em Porto Alegre, foram comuns o disciplinamento e o ordenamento dos espaços de lazer a partir do corte de árvores antigas para dar lugar aos "jardins à inglesa".

A próxima imagem (Figura 8) destaca a Rua Júlio de Castilhos em Taquara com ênfase ao *Hotel Brazil* (seta azul), Banco da Província (seta vermelha) e o prédio da Intendência (seta preta). Em frente a Intendência se destaca a Praça Marechal Deodoro, espaço que surgiu junto com a construção do prédio municipal.

Figura 8 – Vista da Rua Júlio de Castilhos em direção a Intendência.



Fonte: MHMAT (Década de 1920). Fotógrafo: Desconhecido.

O profissional fez o registro fotográfico em busca de representar os edifícios de forma imponente. De fato, Monteiro (2007) afirma que a busca da monumentalidade tanto em prédios públicos quanto em edifícios privados era uma linha político e ideológica que se via em Porto Alegre, mas também na capital Rio de Janeiro e outras cidades pelo Brasil.

Esse não era um lugar registrado pelos fotógrafos no princípio do século XX, já que não havia nenhum dos edifícios mencionados. As

novas construções expressavam a imagem de organização da administração pública, da ordenação dos prédios e, também, da normatização do Código de Posturas de 1892, que exigia uma série de elementos estéticos nas fachadas.

A fotografia leva o receptor a olhar para o alinhamento das árvores, produzindo a ideia de cadência, repetição de elementos, que desenvolve a concepção de ordenamento (POSSAMAI, 2005, p. 216). Por outro lado, a imagem denuncia as ruas de chão batido, distantes do calçamento das vias públicas

das capitais, e entulhos de uma obra jogados na via.

A fotografia ainda revela a presença de crianças e algumas mulheres negras em frente ao *Hotel Brazil*, que possivelmente trabalhavam no estabelecimento. Mais à frente, ao lado do *Banco da Província* (seta laranja), há um homem negro sobre o andaime construindo a fachada de um edifício.

É possível visualizar que a Praça era cercada, com o objetivo de evitar a entrada de animais. Ainda nessa época, passavam pelo centro da cidade tropas de gado em direção aos vagões do trem, evento que persistiu até a desativação da ferrovia em 1964.

A próxima imagem (Figura 9) apresenta o lado direito da Rua da República (atual Rua Pedro Adams Filho) no município de Novo Hamburgo. A

intenção do fotógrafo parece ter sido representar os benefícios da modernidade, como a Praça 14 de Julho, o movimento dos automóveis, a iluminação elétrica, os edifícios de dois pavimentos e, na esquina, o Café Avenida (seta vermelha).

A fotografia registra o mesmo lugar da Figura 6, a diferença está na ausência do prédio da ferrovia. A estação foi renegada ao longo das décadas seguintes à emancipação de Novo Hamburgo até ser derrubado na década de 1960, com o fechamento da linha férrea. Isso mostra o efêmero da modernidade e como imagens podem ser produtoras de memórias e esquecimentos a partir da seleção de determinados aspectos (POSSAMAI, 2005).

Figura 9 – Vista da Praça 14 de Julho sentido sul-norte



Fonte: FEFS (Década de 1930). Fotógrafo: desconhecido.

O Café Avenida (seta vermelha), localizado na esquina das Ruas da República e Gal. Netto, foi construído em ponto estratégico: em frente à praça e à estação. Esse espaço tornou-se central na cidade, lugar de encontro, onde os mais variados segmentos sociais passaram a se reunir para discutir a vida política, econômica e social do local. A partir da década de 1930 os ônibus passaram a partir da frente do café (SELBACH, 1999).

A normatização das ruas também ocorreu com o Código de Posturas de 21 de novembro

de 1929, promulgado pelo intendente Leopoldo Petry. A praça ajardinada é um dos indicativos da aplicação do Código de Posturas e de como esse espaço seguiu as determinações da modernidade no começo do século. O código também se centrava na normatização das construções e no embelezamento dessas residências, além de determinar questões sanitárias e de transporte. De forma geral, o discurso político utilizava a "estética urbana" como motivo para as intervenções urbanas (OLIVEIRA, 2009).

As três cidades, São Leopoldo, Taquara e Novo Hamburgo, se representaram nas imagens fotográficas no final da Primeira República como modernas, espaços em conformidade com as capitais. Confrontando essas fotografias com as primeiras imagens do século XIX, percebemos que a natureza não é mais parte integrante da paisagem, ela aparece como aspecto decorativo.

Considerações finais

As paisagens urbanas do Vale dos Sinos na Primeira República revelam que as primeiras fotografias são de lugares com pequenas concentrações de construções em meio à natureza, onde ainda predominava o ritmo dos transportes pelo rio e pela tração animal. No alvorecer do século XX as imagens retrataram espaços urbanos mais produtivos, com a presença de elementos da urbanidade (trem, cinema, café, bancos, praças, burocracia estatal etc.) e a natureza foi representada de forma decorativa, o tempo passou a ser o tempo de chegada e de partida do trem.

Os espaços, que no século XIX eram utilizados para acomodar cargas à espera dos barcos ou para estacionar tropas de gado que iam e vinham dos Campos de Cima da Serra (Passo em São Leopoldo, Praça Marechal Deodoro em Taquara e Praça 14 de Julho em Novo Hamburgo), foram transformados em lugares contemplativos no decorrer do século XX, levando em conta os aspectos da modernidade europeia.

A nomeação dos lugares também revela as intenções da época em exaltar tudo que se atrelasse aos "heróis" da República, em especial os nomes vinculados às lideranças estaduais e municipais do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR). Também se valorizou a imigração alemã com nomeações como "Ponte 25 de Julho" (data da chegada dos imigrantes em São Leopoldo), "Praça Centenário" ou "Praça do Imigrante".

As fotografias ainda revelam que o social não era o tema principal dos fotógrafos, o que indica que agiam conforme suas ideologias pessoais e profissionais. O social somente se torna parte da fotografia em solenidades que há a necessidade de público para representar prestígio aos líderes

políticos, como nas visitas de Borges de Medeiros e Flores da Cunha. Nas demais fotografias os sujeitos estão distantes, mas, mesmo assim, as imagens evidenciam a importante participação da população negra nas atividades diárias de manutenção da cidade: lavadeiras, cubeiros, aguadeiros, construtores, tropeiros etc.

De forma geral, as imagens fotográficas se restringem aos mesmos lugares como, por exemplo, em Porto Alegre que se resumia a Praça Marechal Deodoro, a Praça da Alfândega, ao cais e às novas avenidas. Pelo olhar dos fotógrafos da época, São Leopoldo era a Praça Centenário, a Rua Independência, o entorno da Intendência e da estação ferroviária. Taquara resumia-se às ruas Júlio de Castilhos e Tristão Monteiro. Novo Hamburgo restringia-se aos registros fotográficos do entroncamento de estradas em Hamburger Berg e, a partir da década de 1920, ao entorno da estação de New Hamburg. A repetição das fotografias dos mesmos lugares, por mais de quatro décadas, mostra que o objetivo era fotografar a área urbana, mas, principalmente, a indicação da inexistência e/ou incipiência de outros ambientes que simbolizassem o moderno.

Referências

ARRUDA, Gilmar. *Cidades e sertões: entre a história e a memória*. Bauru: EDUSC, 2000.

ATLAS SOCIOECONÔMICO RIO GRANDE DO SUL. *Taxa de Urbanização*, 2019. Disponível em: <https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/grau-de-urbanizacao>. Acesso em: 27 abr. 2020.

CÓDIGO DE POSTURAS DO CONSELHO MUNICIPAL DO MUNDO NOVO. Taquara/RS, s/ed., 1892.

CÓDIGO DE POSTURAS MUNICIPAIS DE SÃO LEOPOLDO. São Leopoldo: Rotermund, 1897.

COMITESINOS. *Caracterização da Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos*, c2017. Disponível em: <http://www.comitesinos.com.br/bacia-hidrografica-do-rio-dos-sinos>. Acesso em: 29 abr. 2020.

DREHER, Martin N. 190 anos de imigração alemã no Rio Grande do Sul: esquecimentos e lembranças. São Leopoldo: Oikos, 2014.

DREHER, Martin. Os Imigrantes alemães e a religião. In: CUNHA, Jorge Luiz da (org.). *Cultura Alemã: 180 anos*. Porto Alegre/RS: Nova Prova, 2004.

FABRIS, Annateresa. A Fotografia e o Sistema das Artes Plásticas (1989-90). VALENTE, Agnus (org.). HIBRIDA Revista Eletrônica, São Paulo, ago. 2005. Disponível em: http://www.agnusvalente.com/hibrida/annateresafabris_texto_01.htm. Acesso em: 05 jun. 2020.

FREITAS, Ubiratã Ferreira. *Cotidiano e trabalho escravo: experiências negras e escravas em Taquara (1856 – 1888)*. Tese (Doutorado em História) -- Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

HACKING, Juliet (org.). *Tudo sobre fotografia*. Rio de Janeiro/RJ: Sextante, 2012.

KOSSOY, Boris. *Realidade e ficções na trama fotográfica*. 3. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

MAGALHÃES, Dóris R. A ocupação portuguesa e alemã no Vale do Paranhana. In: BARROSO, Vera Lúcia Maciel et. al. *Raízes de Igrejinha*. Porto Alegre: EST, 2008.

MARONEZE, Luiz Antonio Gloger; SOUSA, Ana Paula Bernardo de. A modernidade pelo jornal: o progresso material e social de novo Hamburgo nas décadas de 1920 e 1930. *Conexão - Comunicação e Cultura*, Caxias do Sul, v. 10, n. 20, p. 25-39, jul./dez. 2011.

MARTINS, Ana. *O Despertar da República*. São Paulo: Contexto, 2001.

MARTINS, José de Souza Martins. O tempo da fronteira retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira. *Tempo Social: Rev. Sociol.*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 25-70, maio 1996. Disponível em: www.periodicos.usp.br/ts/article/download/86141/88825. Acesso em: 15 abr. 2020. <https://doi.org/10.1590/ts.v8i1.86141>.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996. Disponível em: https://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf. Acesso em: 17 de abr. de 2020.

MOEHLECKE, Germano. *Estrada de ferro: contribuição para a história da primeira ferrovia do Rio Grande do Sul*. São Leopoldo/RS: Rotermond, 2004.

MOEHLECKE, Germano. *São Leopoldo: obras e iniciativas públicas*. São Leopoldo/RS: s./ed., 1998. vol. 2.

MONTEIRO, Charles. Urbanização e modernidade em Porto Alegre. In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau. *República Velha (1889 - 1930)*. Passo Fundo/RS: Méritos, 2007. v. 3, t. 2.

MOREIRA, Paulo; MUGGE, Miquéias. *História de Escravos e Senhores em uma região de imigração europeia*. 2. ed. São Leopoldo: Editora Oikos, 2014.

OLIVEIRA, Suzana Vielitz de. *Os Planos e as ações de preservação de patrimônio edificado em Novo Hamburgo*. 2009. 203f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) -- Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2009.

PETRY, Leopoldo. *O município de São Leopoldo no ano do centenário da independência do Brasil*. São Leopoldo: Rotermond, 1923.

PETRY, Leopoldo. *O município de Novo Hamburgo – monografia*. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1944.

POSSAMAI, Zita R. *Cidade Fotografada: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos – Porto Alegre, décadas de 1920 e 1930*. 2005. 287 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. v. 1.

SELBACH, Jeferson Francisco. *Novo Hamburgo (1927-1997): os espaços de sociabilidade na gangorra da modernidade*. 1999. 416 f. Dissertação (Mestrado em planejamento urbano e regional) Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

TURAZZI, Maria Inez. Paisagem construída fotografia e memória dos "melhoramentos urbanos" na cidade do Rio de Janeiro. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 22, n. 35, p. 64-78, jan./jun. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752006000100005. Acesso em: 05 jun. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0104-87752006000100005>.

WEIMER, Günter. *Arquitetura popular da imigração alemã*. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

WEIMER, Günter. *Origem e evolução das cidades rio-grandenses*. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2004.

ZARTH, Paulo A. *Do arcaico ao moderno: o Rio Grande do Sul agrário do século XIX*. Ijuí: Editora Unijui, 2002.

Alex Juarez Müller

Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF), em Passo Fundo, RS, Brasil; professor de história na Rede de Ensino Municipal de Gramado, em Gramado, RS, Brasil.

Endereço para correspondência

Alex Juarez Müller

Secretaria da Educação de Gramado

Rua São Pedro, 369 – Fundos Câmara de Vereadores

Centro, 95670000

Gramado, RS, Brasil